

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3,500	1,800	595	5120
Possessões ultramarinas (idem)...	4,500	2,400	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	5,000	2,500	—	—

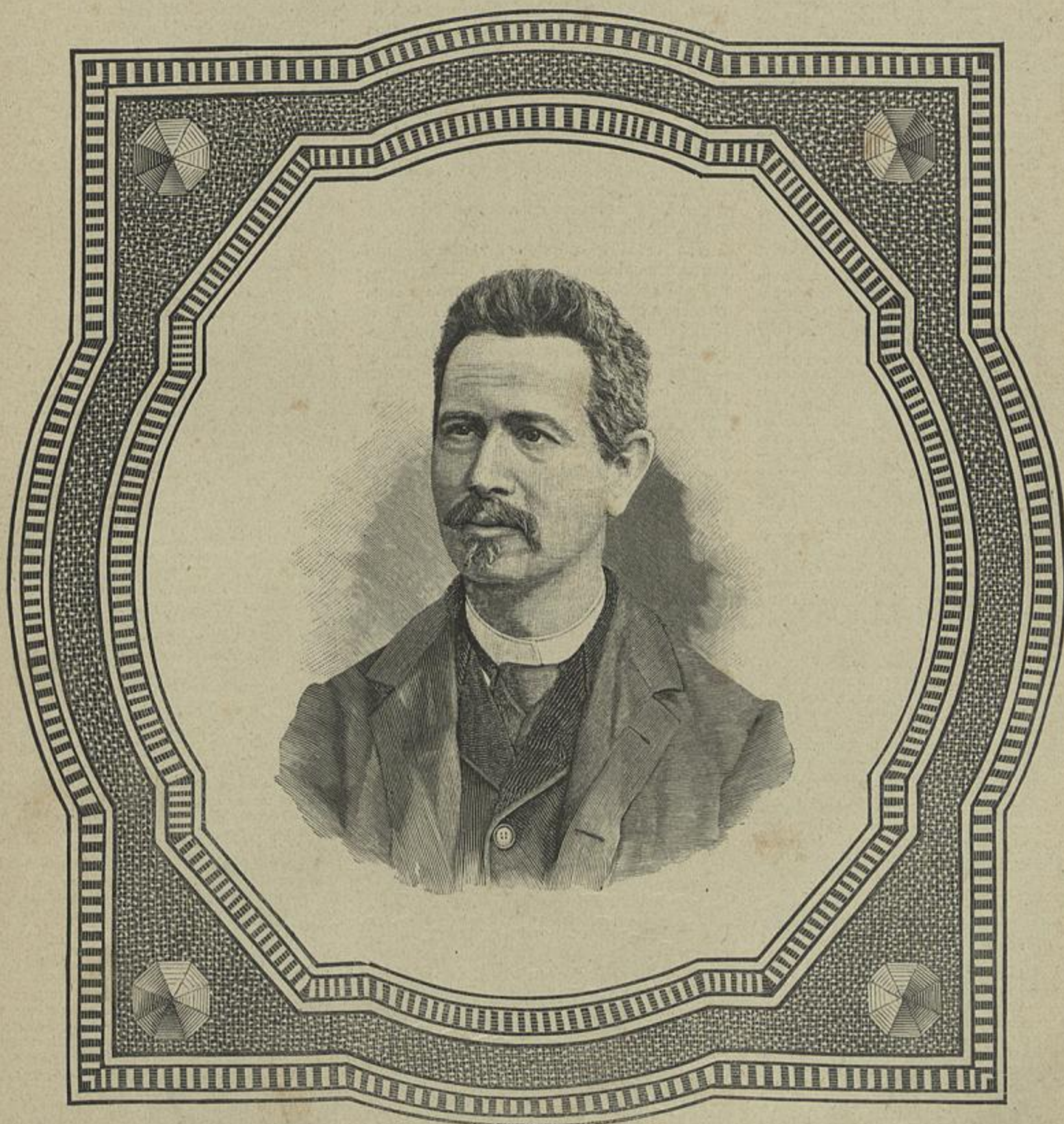
18.º Anno — XVIII Volume — N.º 591

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento, de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Cactano Alberto da Silva.

25 DE MAIO DE 1895



THEOPHILO BRAGA — DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

(Copia de uma photographia do sr. Bobone)



CHRONICA OCCIDENTAL

Ao mesmo tempo que Sua Magestade a Rainha parte para S. Pedro do Sul a fazer uso das aguas, eis que em Torres Vedras se inaugura um novo estabelecimento de aguas minero-medicinaes, denominadas da *Fonte Nova*.

A's 7 horas da manhã de quinta feira da Ascensão partiram para Torres Vedras, pelo caminho de ferro, varios jornalistas e alguns medicos e outros cavalheiros. Chegadas ali, depois d'um almoço servido no Hotel dos Cucos, almoço que durou até depois das duas horas e em que os convivas trocaram brindes affectuosissimos, fazendo todos os mais rasgados elogios ao proprietario do novo estabelecimento, o sr. Santos Bernardes, procedeu-se á inauguração das aguas, que o reverendo coadjutor da Freguezia de S. Pedro o sr. Antonio Joaquim de Queiroz, abençoou. Esta cerimonia aliás muito interessante foi concorridissima de senhoras e de cavalheiros de Torres e de povoações proximas. A' noite houve tambem jantar de festa no Hotel Natividade e entre os comensaes reinou a mais viva animação.

Segundo nos informam estas novas aguas contem particularidades medicinaes de primeira ordem, sobretudo para os despepticos, com o que nós folgaremos, porque todos afinal de contas em Portugal e particularmente em Lisboa soffremos do estomago.

Será da alimentação? Será do Alviella? Será do clima? Onde está a causa, não se sabe ao certo; que o mal existe porém é evidente. E quantos prejuizos, quanta ausencia de senso moral, quanta falta de serenidade e de reflexão não provem das digestões mal feitas, dos estomagos dilatados, dos estomagos azedos?

O estomago é a preocupação de todos, hoje em dia. Uns tratam de o comprimir outros de o tonificar, estes de o lavar, aquelles de lhe fazer a sondagem. Todos de o encherem! Surgem todavia grandes difficuldades para se proceder a estas operações porque os tempos vão pouco prosperos. E se é difficil encher-o, laborioso se torna tambem o esvazial-o. E é por estas contrariedades e contratempos que as digestões são fatigantes, que a saude se desequilibra, que o cerebro não funciona bem. Vidago, Gerez e muitas outras aguas já não causavam beneficio algum ao organismo porque a natureza havia-se habituado ao medicamento. Venham pois as aguas da *Fonte Nova* de Torres Vedras, tão ricas em particularidades medicinaes, segundo dizem os relatorios dos medicos e as analyses dos chimicos, venham pois essas novas aguas mineraes, que até foram abençoadas por um sacerdote e sejam ellas a nossa reconstituição physica, a nossa regeneração moral. Sejam essas aguas finalmente, a agua benta do nosso futuro! Que ellas nos salvem!

Sem aguas da Fonte Nova, mas com uma coragem a toda a prova, e com armamento de primeira ordem, os nossos soldados em Lourenço Marques, continuam castigando severa e justamente os indigenas revoltados — Hontem recebeu o Governo um telegramma do sr. conselheiro Antonio Ennes em que o illustre commissario regio participa officialmente que considera a revolta por completa debellada.

Com esta noticia folgamos pelo prestigio do nosso paiz, pela honra da nossa bandeira.

Com prazer registamos estes factos e com prazer escrevemos estas linhas por que se muitas vezes nos desalentamos ao vêr como caminham as cousas em a nossa terra, orgulhamo-nos em outras occasiões por sermos compatriotas de individuos que tão gloriosamente sabem manter e reconstruir tão longe o prestigio da nossa patria!

Os theatros vão mal em Lisboa. Só os touros prosperam — E prosperam de um modo verdadeiramente agradável para os *afficionados* por que alem da praça do Campo Pequeno acaba de se inaugurar outra em Algés. A primeira tourada realisou-se na quinta feira ultima e com uma encheite extraordinaria, ali, em a nova praça foram corridos 12 touros do Sr. Victorino Froes.

A corrida foi animada e interessante e os quatro cavalheiros, Tinoco, José Bento, Fernando de Oliveira e Manoel Casimiro, que trabalharam durante a tarde, foram muito victoriados e applaudidos.

AUGUSTO DE MELLO.

A PROPOSITO DO TRICENTENARIO DE TORQUATO TASSO



ESTA poesia foi inspirada pela visita que fiz a 4 de Novembro de 1887, no convento de Santo Onofre, á cella, onde morreu o celebre poeta, e onde se guardam alguns dos objectos que lhe pertenceram; nem podia deixar de cumprir este acto piedoso como seu admirador entusiasta e como traductor do seu immorttal poema. Nenhuma das grandezas de Roma produziu em mim uma impressão semelhante á d'esse pequeno quarto, cheio todo de memorias suas, e que se nos figura habitado por elle ainda: as outras abalam e commovem profundamente a intelligencia; esta abala e commove profundamente o coração. E' em geral sabido como constantemente foi victima da desgraça o auctor da *Jerusalem libertada*, desgraça que emparelhou na grandesa com o seu genio: os seus amores infelizes, as perseguições que lhe moveram, a sua reclusão por louco no hospital de Santa Anna, de Ferrars, a sua quasi miseria, e a sua vida irrequieta e errante; e como em fim, acolhendo se áquella casa religiosa, ali exhalou o espirito, quando estava para ser coroado no Capitolio. O seu tumulo, obra do artista Fabris, está na igreja do convento, na primeira capella da esquerda, entrando. Para elle foram trasladados os seus restos, que até então jazeram em humilde sepultura, em 1857. O meu amigo, o fallecido Marciano da Silva, pintou um quadro, julgo que em Roma, onde estudou algum tempo, intitulado *Os ultimos momentos do Tasso*, em que o representava passeiando no jardim ou cerca do convento, do qual se avista uma boa parte da cidade, pois Santo Onofre fica sobre o monte Janiculo, ajudado por dois frades. Não sei o paradeiro d'esse quadro, que elle trouxe quando recolheu a Portugal.

No presente anno, a 25 de Abril, completou se o tricentenario da morte do Tasso; Italia commemorou o, embora com pouco esplendor; em Portugal passou quasi despercebido; e a publicação do meu soneto (não a sua feitura, pois foi pouco posterior á visita) é uma voz debil que se levanta, na falta de outras melhores, para mostrar que houve na minha patria quem de tão solemne e merecida festa por devoção e obrigação se recordasse.

A TORQUATO TASSO

NO CONVENTO DE SANTO ONOFRE

Pobre, enfermo, cansado, vagabundo,
Louco de amor e gloria, aqui vieste
Bater á porta; e ás illusões disseste
Adeus eterno, abandonando o mundo.

Entre esses objectos notam-se: uma carta autographo do poeta; uma cadeira de braços, onde se assentava nos ultimos dias da sua vida; uma mesinha; um tinteiro; um espelho; um crucifixo, sendo a imagem de madeira e a cruz dourada, que fora de seus paes, e diante do qual costumava recitar as suas orações; o seu busto em cera, feito pela mascara que os frades do convento lhe mandaram tirar, apenas expirou; o retrato de Christovam Mandouzzi, que em tempos soccorrerá seu paiz; e um bocadinho de carvalho chamado do Tasso, cantado por Mamiani, e destruido pelo violento furação de 22 de Setembro de 1842.

Abrio-te a porta a Fé com ar jocundo;
Fitaste os olhos na visão celeste;
E em seus braços de tudo te esqueceste,
Quasi solto da terra, moribundo.

Do transitio final vendo te perto,
Quiz-te levar o mundo ao Capitolio,
Da sua ingratição emfim desperto;

Mas deu-lhe a morte só teu fraco espolio;
Mas amostrou te a Fé o empyreo aberto;
E a gloria alem da eternidade o solio.

RAMOS COELHO

THEOPHILO BRAGA

No nosso mundo litterario occupa logar proeminente Theophilo Braga, cujo espirito se tem debatido sempre no dilemma dos dois amores — como elle proprio diz no preliminar da recente edição dos seus *Contos Phantasticos* — atraído para a arte e seduzido pela sciencia. Artista e sabio, impõe-se com esta dupla individualidade á admiração dos contemporaneos, mas o segundo aspecto tem injustamente offuscado o primeiro aos olhos do publico que o aprecia e respeita. Todavia o artista não é inferior ao sabio, antes lhe leva vantagem em razão da espontaneidade do talento, fecundada e aperfeçoada pelo saber encyclopedico e rigorosamente disciplinado.

Foi, como artista, que Theophilo Braga primeiramente se revelou. Já com um volume de versos, ensaios poeticos dos quinze annos, publicado em Ponta Delgada, veio para o continente afim de seguir o curso de direito na Universidade de Coimbra, abandonando a ilha de S. Miguel, sua terra natal, onde vira a luz a 24 de fevereiro de 1843.

Em Coimbra o illustre açoriano lançou-se com todo o fogo da sua alma na grande ebulição litteraria que agitava então a academia, e surgiu entre os primeiros, dando á publicidade em 1864, a *Visão dos Tempos*, assombrosa revelação de um poeta sublime. O artista, mostrando logo a sua poderosa superioridade, conquistou o publico, que o encheu de applausos. Em breve as *Tempestades sonoras* confirmaram a reputação ganha com a *Visão dos Tempos*.

Mas a grandesa do triumpho converteu-se em supplicio para o artista.

As difficuldades dos primeiros annos de Coimbra, que conseguira vencer á custa de tenacidade inquebrantavel, mal tinham desaparecido deante do successo estupendo do poeta, quando renasceram com grande vigor e adquiriram maior intensidade no meio das luctas litterarias da celebre *Questão Coimbra*. O artista guerreado de todos os lados, cedeu então o passo ao homem de sciencia.

Theophilo Braga conta o caso d'esta forma, no mencionado preliminar: «De repente achei-me cercado de odios; cortaram-me os viveres na empreza do jornal, nas aulas de Direito tiraram-me a mesquinha distincção academica, os criticos espalmaram-me rudemente os livreiros recusaram-se a dar publicidade ao que escrevia, e os patriarchas das letras com o peso da sua autoridade sorriam com equívocos sobre o meu valor intellectual, chegando a circularem lendas depressivas do meu caracter e costumes que só conseguí deslazer com uma vida ás claras e cheia de ignorados sacrificios. Outro qualquer ter se-hia rendido.

«Vi-me forçado a inverter as bases da minha existencia, abandonando a Arte que me seduzia, porque me abandonara a serenidade contemplativa, e lancei-me á critica, á erudição, á sciencia, á philosophia.»

A *Odna do Lago* (1866) e as *Torrentes* (1869), livros de poesia que continuam a epopéa da humanidade, inaugurada com a *Visão dos tempos*, já appareceram no periodo de combate.

Theophilo Braga, lançado no novo rumo, estudou e college as tradições populares no *Cancioneiro* e *Romanceiro geral portuguez* (1867-1869), nos *Contos tradiccionarios* (1883) e no *Povo portuguez nos seus costumes, crencas e tradições* (1885); applica a critica moderna á *Historia da Litteratura Portugueza* (1870-1892), refaz a sua doutrina philosophica escrevendo os *Tracos geraes de Philosophia positiva* (1877), inicia a publicação de uma *Historia Universal* (1879), elabora o seu *Syst. ma de Sociologia* (1884) intrevem na politica, adoptando o *mandato imperativo*, fazendo conferencias democraticas e

criticando a situação em artigos de jornaes, nas *Soluções positivas da politica portugueza* (1879) e na *Dissolução do systema monarchico constitucional* (1880); investiga as *Origens poeticas do Christianismo* (1880) e as *Leidas Christãs* (1882); interpreta o *Cancioneiro da Vaticana* (1877); aborda a critica da instrucção publica portugueza na sua *Historia da Universidade de Coimbra* (1892-1895); e enfim assenta os fundamentos da nossa historia nacional, na *Patria Portugueza* (1894).

Esta obra colossal, em que Theophilo Braga dispense a sua prodigiosa actividade durante vinte e oito annos, foi erguendo aos olhos do publico o homem de sciencia, o erudito, o pensador e deixando na penumbra o artista eminente que se revelara no começo da sua carreira litteraria. Mas o talento poetico, sentindo-se abafado e não vencido pelos trabalhos de erudição e de critica, de sciencia e de philosophia, irrompia com novo fogo a cada momento de serena contemplação que o infatigavel luctador conseguia obter no meio da sua laboriosa existencia. O artista aproveitava até com superior criterio no interesse da concepção poetica, que o absorvia desde a mocidade, todos os abundantes materiaes com que trabalhava nos seus estudos de litteratura, de sciencia ou de philosophia. Como a abelha que da essencia das flores fabrica o mel, Theophilo Braga do fructo succulento dos seus trabalhos de sabio ia extrahindo uma parte ideal para elaborar e gradualmente aperfeçoar a iniciada epopeia da humanidade.

A philosophia positiva de Augusto Comte, que lhe renovou a mentalidade, orientando-a e disciplinando-a, deu-lhe tambem uma mais nitida comprehensão do que deveria ser o poema moderno por excellencia, isto é uma epopeia formada pela representação synthetica dos successivos cyclos da evolução historica.

Pouco a pouco, quasi ás furtadelas, a alma do artista irrompendo d'entre as locubrações do sabio foi desenvolvendo, modificando, aperfeçoando a sua obra poetica, a *Visão dos tempos*, iniciada sob a influencia da metaphysica do Hegel e das theorias de Vico.

Nas *Miragens seculares* (1884) reuniu Theophilo Braga uma grande parte da sua produção artistica posterior á publicação das *Torrenças*, e sob a orientação da philosophia de Comte estabeleceu a ligação dogmatica de todos os seus poematos, que até então constituíam a sua vasta epopeia da humanidade, agrupando-os n'uma trilogia—*A Fatalidade*, *A Lucta e a Liberdade*, e precedendo os de hymnos á Tradição, á Historia e á Philosophia. Não conseguiram as *Miragens seculares*, apesar de todo o seu merito, fazer com que o publico tornasse a ver o artista, que tão festejado foi na sua brilhante appareição, no homem superior em que desde longos annos só se acostumara a admirar o sabio e a respeitar o erudito.

O grande poeta, porém, não dera ainda por finda a obra de arte que no meio do seu trabalho colossal e atravez de todas as tempestades da vida constituiria sempre o enlevo das suas horas contemplativas, o oásis do seu espirito fatigado de luctar, o consolo unico que suavizava os insuportaveis golpes soffridos pelo coração.

Hoje a alma poetica do artista, a idealisação synthetica de cada um dos cyclos historicos ou das phases successivas da civilisação humana, está prestes a vir á luz em toda a sua grandeza e em toda a sua unidade dogmatica n'uma edição completa e definitiva.

Poder-se-ha apreciar então a grande epopeia da humanidade, a *Visão dos tempos*, bello producto de arte que encerra a essencia de trinta e tantos annos de trabalhos, de luctas e de soffrimentos. Desde que o publico a aprecie, ha de ver em Theophilo Braga,—temos pelo menos esta convicção,—acima do critico, do historiador, do erudito, do homem de sciencia e do philosopho, o artista superior, o poeta sublime, que dotou as letras portuguezas com uma surpreendente obra de arte.

Teixeira Bastos.

UM ENTERRO NA ALDEIA

O quadro que hoje reproduzimos em a nossa gravura é a prova final que o sr. Carlos Reis pensionista do Estado para completar a sua educação artistica, em Paris, apresentou á Academia das Bellas Artes de Lisboa.

Este quadro esteve exposto ao publico, na mesma academia e foi justamente apreciado, e a seu respeito escreveu o sr. dr. Silva Mattos a seguinte carta ao auctor que muito gostosamente publicamos:

Meu caro Carlos

Não tome á conta de lisonja quanto vou dizer-lhe a respeito do seu quadro — *Um enterro na aldeia* a que principio por achar dois enormes defeitos: o primeiro, de não ser firmado por um nome estrangeiro, o que bastaria para a celebridade do seu trabalho, o segundo o ser feito por um rapaz, que todos conhecemos por não ter avós na nobiliarchia da arte, e que teve o arrojo de, ao sair da escola, fazer um trabalho muito maior que elle.

Quando tive noticia de que o meu amigo ia expor a defeza da sua these ao terminar em Paris um curso de paizagista, confesso que não senti grandes enthusiasmos. Obedeci áquelle velho rirão — Santos da porta não fazem milagres. Que demo de milagre poderia fazer áquelle rapazinho a quem ouvi balbuciar os primeiros sons articulados, quando eu que sou um velho, não sei nem sequer o B A ba da arte?

Fui á Academia das Bellas-Artes possuido d'aquella fria reserva que é propria dos mestres e dos conscientemente ignorantes. Dos mestres para julgarem sem preocupações, dos ignorantes, para não se deixarem surpreender, nem pelos encomios da *claque* nem pelas detracções dos zoilos; e quando assomei ao portal da sala de D. Fernando rendi-me incondicionalmente.

O dia estava lá fóra brumoso, humido, escuro e de quando em quando com arrancos de tempestade, parecia uma *mise en scene* preparada, porque lá ao fundo da sala havia todas as alegrias de um sol que se esconde conscio de sua missão gloriosa e benefica.

Aquella pujança de luz, áquelle opulencia de colorido, aquelles tons fulvos e brilhantes que para além da colina determinam o ponto preciso do occaso por si sós bastariam para a composição de um bello quadro.

Ha ali um d'aquelles esplendidos pôr do sol, que, nós ós homens do campo estamos costumados a ver e admirar, quando, em vez da appinhada cazaria das cidades, temos deante de nós uns horizontes largos e formosos n'essas horas em que os vapores terrestres elevando-se começam a preparar o frouxal das almofadas em que languidamente se redinam os ultimos sóes do outomno.

Aquella seu sol poente aqueceu-me, e descurado do temporal lá de fóra custou-me a desviar os olhos para contemplar o resto.

Confesso-lhe, Carlos, que a principio não vi; e quando habituado á luz dos primeiros planos comecei a ver, tive vontade de o abraçar, e com que abraço! se estivesse ali! porque encontrei sem a perda de uma nota só, toda a fina sensibilidade de um artista consciencioso e observador.

Os planos inferiores do seu quadro estão todos em declive horizontal, ha por consequencia uma grande differença de luz. Este phenomeno de optica sempre constante de parecerem fracamente illuminados os objectos que não estão sob a acção directa do fóco luminoso acha-se brilhantemente comprehendido e reproduzido na sua tella. Os olhos habituam-se a ver então o suave pendor das curvas da encosta, o rude esphacelo da quebrada, o fino arrelvado dos campos mordido do tom escuro das oliveiras, a pujança das searas esmaltadas do vermelho quente das papoulas, essa festa alegre com que a natureza agradecida parece querer beijar as mãos do cultivador.

Senti-me bem ao contemplar o seu trabalho. Tudo quanto ha n'elle de suggestivo é de uma grande verdade. Céu e terra são o que devem ser. E' a tonalidade da terra que faz brilhar os esplendores do céu; é a luz de um sol poente, a resvalar pelas encostas orientaes, que se envolve em um nimbo de luz suavissima.

O assumpto da sua obra afirma um poeta e um crente. Não se envergonhe. A humanidade é grande e ha logor para todos.

Arte sem poesia não se comprehende: arte sem fé mal poderá tambem comprehender-se.

O sol abysmou-se. N'um dos planos elevados passa um enterro: — destacam no prestito as roupagens brancas. Era um cadaver candido e immaculado que ia restituir á terra mãe a sua virgindade, e a alma que o animára evoluindo para o espaço esta recebendo do ultimo raio do sol a sua apothese.

Não sei se foi esta a sua intenção; a minha impressão subjectiva foi esta, e naturalmente me accudio ao pensamento uma das mais formosas Baladas de Campo amor, que me pareceu ver animar-se no seu quadro.

No primeiro plano está um grupo tratado com a maior propriedade e distincção. Aquelle campo-nez que regressa do trabalho, pára na estrada, junto da parella que conduz e tira reverentemente o chapéo está de uma verdade absoluta. Não

lhe ponham senões que não tem. Quem conhece o rude trabalhador do campo que desde o desenvolver das primeiras forças conquista o pão, que o nutre, com o suor do seu rosto, hade encontrar o fielmente reproduzido ali. O typo a attitudé, as roupagens, tudo temos encontrado por ahí, caminho da cidade, vindo de Torres ou de Loures, conduzindo a sua parella; e ao ver-lhe tirar o chapéo acreditavamos ser para nos salvar, como a pessoa conhecida, se um pouco mais adiante não estivesse a companheira, fazendo o signal da cruz, ultima benção da piedade sobre as reliquias de um morto.

Do grupo dos cavallos da lavoura não sei que lhe diga. Os que põem os ideaes da arte nas alimarias que pucham por ahí os carrões do Jacyntho, intendem que em hypologia não ha mais nada; e o meu amigo não trouxe na sua bagagem os seus modelos para convencer incredulos.

Ha desfalecimentos na sua obra? Não sei. Não estou escrevendo um artigo de critica; mas a dar-lhe conta das impressões, que a sua obra me deixou; e é por virtude d'essas impressões que o felicitio e lhe digo:

Continue meu amigo, e faço votos porque se lhe abra o futuro de que é digno por seus talentos.

Lisboa, 16 — 1 — 95.

Silva Mattos.



AS NOSSAS GRAVURAS

CHINA

PRAÇA DE CHANGAY MESQUITA EM PEKIN

A recente guerra atcada entre o Japão e a China, de que já fallámos largamente a pag.^a 259 e seguintes do nosso 17.^o vol. veio interessar os povos do Occidente por tudo quanto respeita áquelle parte do mundo, onde vivem ainda as primeiras civilisações, cujos costumes e leis tanto divergem do viver dos povos da Europa.

Não obstante o atrazo das suas leis, e a religião que professam ser a de Fó, a mais antiga conhecida, na China ha a liberdade de cultos, o que não impede de muitas vezes se praticarem as maiores violencias contra os que seguem outras religiões, caso que se tem dado repetidas vezes com os christãos.

Assim encontram-se na China templos christãos ao par de templos de Mahomet, e a mesquita que a nossa gravura representa, é d'isso prova sendo dos mais importantes templos que existem em Pekin.

Afferrados como são os Chins aos seus costumes e tradições, tem constituido uma verdadeira lucta para o europeu introduzir n'aquelle enorme paiz as innovações que o progresso tem criado e espalhado por toda a parte.

Isso tem dado logar a guerras, tanto da França como da Inglaterra para que a China estabelecesse relações commerciaes com a Europa, mais amplas e livres, o que só se tem conseguido, em parte, á custa de derramamento de sangue.

Entre os portos Chinezes em que por fim se conseguiu estabelecer maior commercio com europeus, conta-se o de Changay ao sul do delta de Yanh-tse como o mais importante e cuja população não é inferior a 400:000 habitantes.

Alem d'este porto, tambem temos nas mesmas condições: Fuchn, Cantão e Hanku.

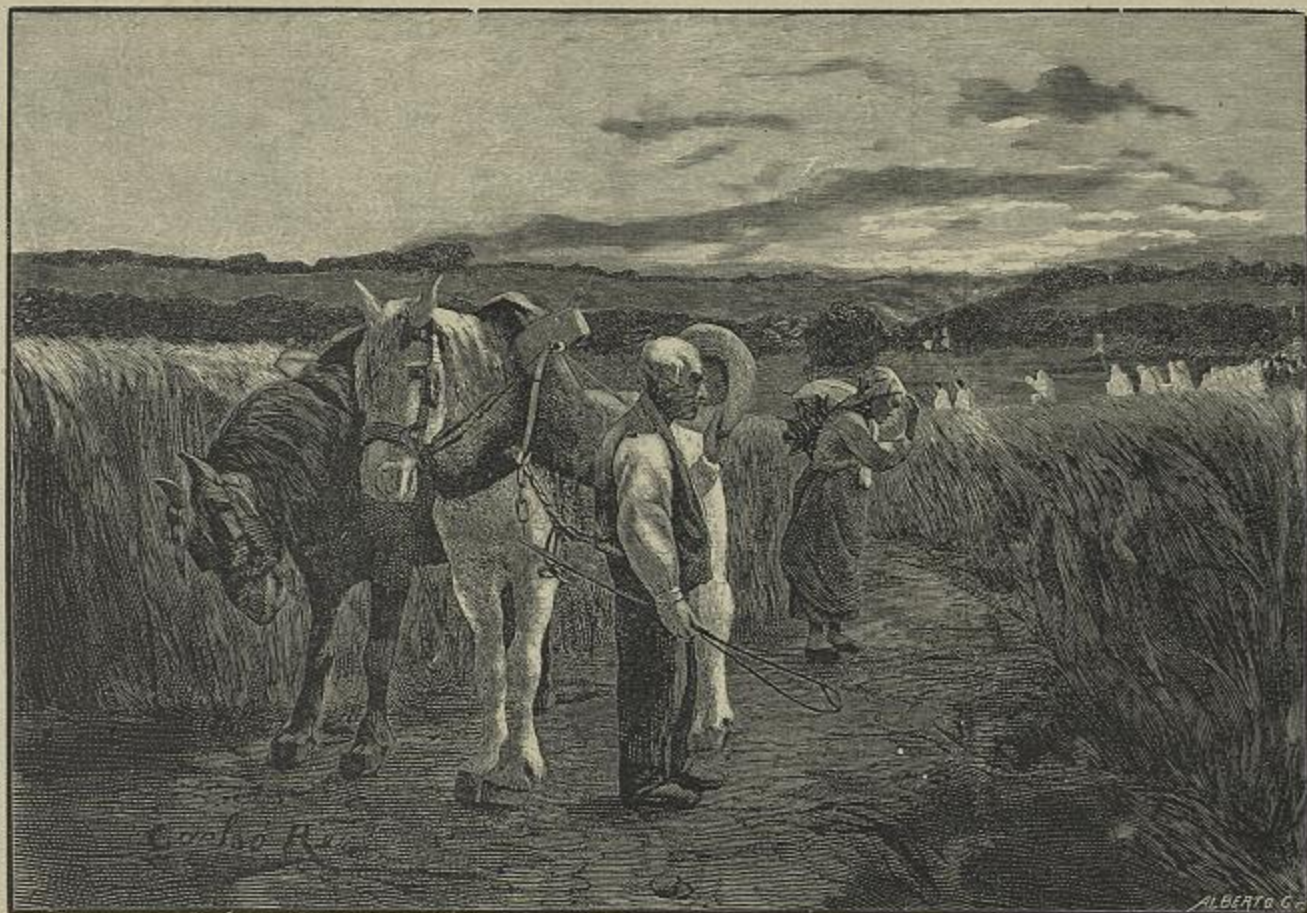
EDUARDO COELHO

Senhores: — A *Associação de Soccorros Mutuos Eduardo Coelho* celebra hoje, nas salas do *Atheneu*, uma sessão em homenagem á memoria do benemerito jornalista, que foi um dos homens mais prestantes da civilisação portugueza e da causa da instrucção popular.

Convidado pela digna direcção do *Atheneu*,

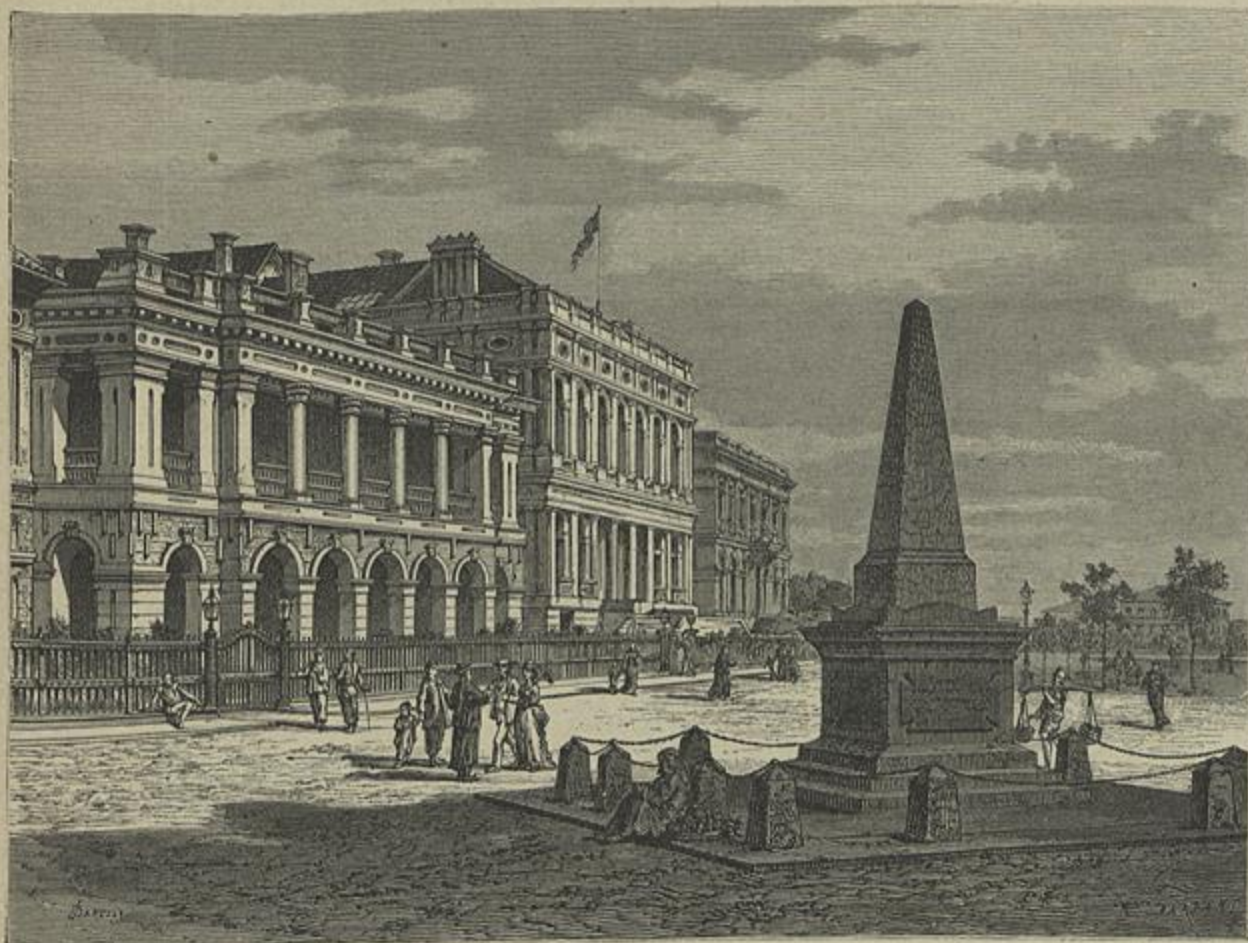
(¹) Devemos á extrema amabilidade do nosso illustre amigo e collaborador do *OCCIDENTE* o sr. Conde de Valencas, o podermos publicar hoje, n'estas paginas o bello discurso que S.^o Ex.^a, presidente da commissão executiva do monumento a Eduardo Coelho, pronuncion, na sessão solemne que a *Associação de Soccorros Mutuos Eduardo Coelho*, celebrou em 14 do corrente, nas salas do *Atheneu Commercial de Lisboa*, para commemorar o 6.^o anniversario da morte do popular jornalista.

BELLAS-ARTES



UM ENTERRO NA ALDEIA — QUADRO DO SR. CARLOS REIS

Gravura do sr. C. Alberto



CHINA — PRAÇA DE CHANGAY

tendo, além d'isso, a honra de ser presidente da comissão executiva, que promove a feitura de um monumento para exaltar a memoria do cidadão, cujas virtudes tanto o recommendaram ao agradecimento publico, eu — não podia deixar de comparecer a uma festa, onde, mais outra vez, é exaltada a sua memoria.

E folgo que esta commemoração se faça aqui no Atheneu Commercial, composto de homens, que vivem da publicidade, e cujos interesses o *Diario de Noticias* tantas vezes tem defendido, expondo aos olhos de todos, em annuncios, artigos e noticias, quaes os productos da sua actividade intelligente, que, sem a recommendação do jornal barato, não seriam conhecidos. Muitas vezes, não é só a prosa, é tambem o verso, a pequena historia, o conto, quem approxima os compradores dos vendedores; e d'est arte se vulgarizam as diversas artes e industrias isto é os diferentes ramos do trabalho humano.

Uma commemoração a Eduardo Coelho está, pois, aqui no logar que lhe compete, ao meio da eloquencia e boa vontade de tantos homens moços, deante dos quaes me apraz falar uma outra vez, e de quem já tinha saudades.

E depois, é n'este gremio que, vae em annos, se dedica a assumptos de educação e ensino, que melhor tem cabimento a solemne recordação de um homem, que na imprensa periodica, tanto pugnou pela diffusão do pensamento.

Acredite-me, senhores, — as flores da saudade, com que uma associação fraterna de socorros mutuos, hoje, vem entretecer o nome de Eduardo Coelho, ficam bem n'este Atheneu Commercial, porque ficam no coração da juventude, que sempre deu a flor da sua can-

dura, do seu entusiasmo, e a dos sentimentos generosos, a todas as causas humanas, e a todos os homens que se lhes devotaram.

Comvosco me reuno para esta homenagem. Comvosco comprehendendo a sua significação: — exalta-se o nome de um homem, que poz ao ser-

no sagrado, da tolha volante. E' em prosa, em verso: lê-se nos paços; nos acampamentos, canta-se antes das batalhas, depois das victorias, e é consôlo nas derrotas. Acompanha os soldados em armas; ouve-se nas igrejas, e consubstancia-se n'um homem, que se chama Marnix de Saint-Aldegon



CHINA — MESQUITA MAHOMETANA EM PEKIM

viço do trabalho immenso d'este seculo, uma grande força — a imprensa; que a tirou dos moldes antigos, para a affeição aos progressos rapidos de uma epocha, que vive da publicidade, a quem escasseia o tempo para longos estudos, que necessita de informações para a sua vida de commercio e concorrencia, e que, no meio do seu labor infatigavel, sente que, ao lado do pensamento activo que governa e domina, traduzindo-se nas diferentes maravilhas e commodos da existencia, bate um coração que avisa o pensamento, de que ha irmãos que soffrem, e humildes que pedem amparo e soccorro.

E tudo isto elle praticou; e tudo isto elle comprehendeu, — o grande cidadão. E pelo que o agradecimento publico o escoltou ao tumulo.

Senhores: — Sempre assim foi. Quando os homens e as coisas são necessarias, apparecem.

A primeira *Gazeta de noticias e novas geraes* nasceu, em Portugal, durante o dominio dos Filippes, e foi, ainda que publicada mensalmente, o poderoso auxiliar da gloriosa campanha, em que o nosso paiz obrigou o reino visinho, dobados 28 annos de guerra, a desistir de suas pretensões á corôa portugueza. Tal o affirma um escriptor illustre, já fallecido — Pinhoiro Chagas. No seculo xvi equal succedimento se dá nos Paizes-Baixos, em a guerra dos flamengos, tambem contra o dominio da Hespanha. Então o protesto reveste a fórma do pamphleto, da satyra, do hym-

de; isto é, o primeiro jornalista da Europa, que poz seu talento, erudição, poesia, paixão, ao serviço de uma causa santa: — a independência dos povos.

Entre nós, só apparece com tal grandeza nos modernos diis. E, vae longe o tempo, em que o cego apregoava de voz roufenha e arrastada, os successos, os acontecimentos tragicos; e ia pelas vielas, estalagens e atrios dos grandes palacios de cidades, villas e aldeias, vendendo as suas folhas soltas. Era a litteratura de cordel, attrahente, encantadora, onde o povo lia as *Sete partidas do infante D. Pedro*, o *João de Calais*, a historia de *Pedro Sem*, e os feitos do glorioso *Carlos Magno* e dos *doze pares* de França. Tudo era encantador, e tantas historias, lidas na velha casa da provincia, foram um dos enlevos da nossa infancia.

Umás vezes repassadas de um triste presentimento, do *fado*, da *fatalidade*, como a de Pedro Sem e a de João de Calais, outras da maliciosa graça portugueza, como a historia dos *tres corcovados de Setubal*, — eram a litteratura do povo, que, na companhia dos *papeis volantes*, dava fé dos casos, crimes e guerras, por vezes dos dramas acontecidos nas casas solareiras, ou da justiça mandada fazer por El-Rei contra conspiradores e criminosos!

Tudo isso que foi nosso enlevo, é já longe; e lá se foi o cego com o moço e seu cão, elle, que apregoava os *papeis noticiosos*, e vendia os livros usados e os folhetos novos a *cavallo em barbantes*. Lá se foi. O ultimo *cego papelista*, Manuel Marques da Silva, falleceu ha muito, em 1863, e tambem o celebre livreiro João Henriques, da rua Augusta, que foi moço de cego. Eram elles o noticiario; o que assaz nos mostra serem nossos oídos tão sequiosos de novidades como nós outros; e tambem perderam de moda aquelles soa-lheiros da má lingua, onde se conversava e discutia, a falta da liberdade de imprensa: — o alto de Santa Catharina, o Sequeiro das Chagas, a Coto-via, o Valle Verde, os arcos do Rocio, o adro de S. Domingos, o Terreiro do Paço, os Remolares, e outros clubs ao ar livre, onde se contavam as noticias do reino, as do estrangeiro, e passava de mão em mão a gazeta, que só alli era vista.

Egualmente nos cafés se conversava muito; mas tambem passou de moda.

Pois lá se fazia o noticiario até á constituição de 1820.

Depois, finda a guerra civil da restauração, vieram os jornaes politicos, por vezes noticiosos, sendo d'elles o mais lido o — *Periodico dos pobres*, copioso de novidades, de cartas-folhetins, que de tudo diziam e falavam, com graça, com aquelle sal tão nosso, já agora perdido, e que bem necessario era para desfadigar o espirito e fazer bom sangue, que lá o diz o sabio Herculano — *o riso desopila o baco*.

No dizer de um erudito, Silva Tullio, a melhor d'essas folhas deve se a Castilho, e chamou-se a *Revista Universal Lisbonense*. Tinha de tudo: — philosophia, economia politica e bellas-artes; era pura na linguagem, opulenta na phrase, movia os affectos, despertava o riso e os prantos. Quer-me parecer seria muito; e que o erudito escriptor, perdido na erudição, se deixára mover da rhetorica. E certo que foi bom jornal, mas não era do povo.

Os do povo vieram com o governo representativo, e d'elle viveram, tentando alargar-se a coisas do espirito, em que a arte é mãe consoladora. Sirva de exemplo o *Portuguez* de Garrett, que n'elle inaugurou os folhetins theatraes.

Devo eu fallar dos periodicos que a estes precederam, do *Espectador* e do *Semanario de Instrução e Recreio*, onde, de fauces assanhadas e garra adunca, era virulento defensor do absolutismo, o famigerado José Agostinho de Macedo? Não o farei. A esse advogado de causas perdidas, antes quero oppôr o bom Antonio Rodrigues Sampaio, jornalista de primeira agua, cortante, conciso, logico, cavalheiro andante do constitucionalismo, que batalhava, esgrimindo uma penna elegante, que fazia revoluções, e levava o consólo á consciencia humana.

D'esse sim, devo falar, que é nosso, e nos ensinou e nos fez homens. Foi o mestre de todos os jornalistas. E, se hoje é uma grande saudade, tambem é uma grande gloria, uma memoria respeitada. É que elle, á semelhança dos heroes de Homero, que eram filhos de deuses, era tambem nado de uma deusa — a Liberdade.

Os periodicos que vieram depois, muitos dos quaes ainda hoje existem, todos seguem a mesma rota: — além da polemica politica, o noticiario, as informações. É que o mundo moderno é de tal maneira dramatico, tão cortado de successos, de acontecimentos, a vida passa-se de tal modo na praça pública, que as folhas periodicas teem de a

acompanhar em todos os seus actos; porque, nas boas accões que referem, vae a instrucção do povo, pelo exemplo; e nas más, o immediato castigo das que são puniveis. D'est arte ninguem poderá dizer: — eu não sabia; ou pratico o mal impunemente.

O grande justiceiro, hoje, é a imprensa. Báculos, sceptros, corôas ou heraldicas, as da pura virtude, as da singela formosura, as do talento, as do genio, todas se submetem a este tribunal; e só teem a sanccão suprema, ou a unção sagrada, depois que elle as julgou e glorificou.

Ao passo que assim succede, é tambem a que desce a todos os ergastulos, onde ha soffrimentos; quem leva pela mão os desamparados; quem pede soccorros para os desprotegidos; quem promove as subscrições publicas, a apoieose dos heroes, e o engrandecimento de um povo, pela commemoração de seus centenarios illustres.

Referindo as festas do capital, noticia egualmente as festas dos operarios; e sempre, (n'isso conforme e unanime, qualquer que seja a sua bandeira), dá constante os estos generosos do seu coração á causa dos pobres, e vae na frente da grande cruzada da emancipação dos humildes.

Não falo dos desmandos, das deserções, dos que atacam a falsa fé, detraz de um jornal, como o salteador detraz de um peneiro. Não falo d'esses, porque não falo das excepções. Falo aqui da regra geral; e aquelles, á semelhança dos enfermos, e dos fracos, antes merecem a nossa compaixão. O homem não é mau de systema, nem por vontade. É mau, quando é um desequilibrado, um doente; e o direito penal moderno, em taes circunstancias, não manda castigar, manda applicar o conveniente curativo.

N'esta solemne commemoração, eu só quero falar dos bons, dos justos, dos benemeritos, dos que deram as energias de sua vontade, coração e talento, a seus contreraneos; só quero falar, ou melhor, continuar falando, de Eduardo Coelho.

Na imprensa periodica, no jornalismo moderno, elle occupa um logar á parte, o mais proeminente. Não é o homem das paixões partidarias. Só teve uma paixão, a que dedicou a vida — a paixão do bem publico. Como disse Antonio Augusto de Aguiar, — foi o creador da imprensa imparcial e independente, valendo á sua conta mais que muitas escolas de instrucção primaria; incutiui nas classes populares o gosto pela leitura; poz ao serviço dos interesses nacionaes a sua penna, o seu jornal, ou quando se tratava de um inquerito industrial ou de uma exposiçào agricola; sustentou uma familia numerosa de industriaes, protegeu os fracos, louvou desinteressado os amigos do paiz, ajudou os governos nos seus intentos generosos, e com tudo isto grangeou a estima e o respeito de seus concidadãos. Se havia uma festa de caridade, lá estava o seu jornal a patrocinal a; se uma empreza util, apparecia o seu jornal a defendel-a; se uma campanha patriotica, ainda o seu jornal era o primeiro a promover-lhe a realisação. Pediu para os pobres, advogou os interesses dos humildes, prestou sempre auxilio aos infelizes.

Se nada devemos acrescentar ás palavras já publicadas do illustre sabio, que foi tambem orador e politico dos mais proeminentes, devemos curvar-nos deante da memoria do jornalista, de quem Aguiar escrevia tão bellas coisas. E oxalá que todos podessem apprender em a sua vida, cortada de desgostos, por vezes da fome, quanto podem a vontade intemerata, a persistencia no trabalho, e a perseverança honrada de um homem, que, sem outro auxilio, que não fosse o da sua intelligencia, chegou a dirigir a opinião publica do seu paiz. A sua vida foi bella, e é tambem uma bella lição.

Conde de Valenças.

OS MANUSCRIPTOS ILLUMINADOS

X

REAL BIBLIOTHECA DA AJUDA

(Continuado do n.º 589)

Está encadernado a verde e dourados e guarda-se n'uma caixa feita decerto na mesma época. E' dourado por folhas.

A primeira pagina é encimada por uma couraça de desenho simples mas revelando delicadeza.

Na capa tem um monogramma, C. J. P. B, timbrado pela corôa real portugueza, o qual se deve ler: *Carlota Joquina, princeza do Brazil*; que, decerto, foi a sua possuidora.

Physionomia. Solandi Vlysbonsis. Este livro foi

escripto pelo medico portuguez Roldão quando physico ao serviço do rei D. João de França.

É um notavel tratado; na primeira pagina ha uma grande illumina e tarja. Na miniatura, a qual occupa toda a pagina, vê-se desenhadas em quatro tarjas curvas, os signos e os planetas, e interiormente, na segunda tarja, doze figuras, mostrando a influencia dos signos sob as diferentes partes do corpo para aquelles que nascem sob a sua influencia, e inferiormente aos planetas ha sete figuras para demonstrar da mesma fórma a influencia planetaria.

Artisticamente esta obra apresenta alguma originalidade e da sua leitura e exame demorado muito decerto se pode aproveitar, não esquecendo que é obra de um portuguez.

O livro está encadernado com capas de madeira cobertas de um tecido vermelho, e protegida por chapas, cantos e fechos de metal, em cuja lavragem predominam as figuras circulares.

Philosophia antiga. Damos este titulo a um manuscrito em bom pergaminho, o qual contém alguns livros com os paradoxos de Cicero e de Seneca. A letra é boa, e as capitaes são illuminadas com rara elegancia e delicadeza.

Extractos das principaes coisas contadas na Biblia. Antiquissimo manuscrito. E' illustrado com desenhos á penna os quaes accusam notavel antiguidade.

Não tem illumina alguma, mas os seus desenhos são muito curiosos.

Traité de Médecine por Allebrant de Florence. Volume, em folio, com cerca de quinhentas folhas de bom pergaminho. Na primeira pagina ha uma delicada tarja e dentro d'ella uma miniatura perfeita bastante, representando a creação do mundo pelo padre Eterno e que está deliciosamente illuminada.

As letras capitaes circunscrevem todas graciosas miniaturas representando muitas fructas e legumes, e por vezes a fidelidade da pintura é realmente boa. Ali se vêem os morangos, as cidras, as castanhas, os figos, e as ervilhas, favas, lentilhas, etc. Algumas das miniaturas são feias tendo um fundo de cor neutra e desenhadas a traço de ouro.

A obra litterariamente é da mais alta curiosidade e artisticamente digna do maior apreço. A letra é franceza.

No fim descobrimos a seguinte nota que traduzimos assim:

«Este livro foi feito e compilado pelo mestre Allebrant de Florença ao pedido da condessa de Provença, mãe da rainha de França, da rainha da *Allemanha* (sic), da rainha santa Isabel e condessa d'Anjou, foi compilado em 1356.»

XI

ARCHIVO DA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

N'este archivo, é grande o numero de manuscritos e dos quaes muitos documentos valiosos para a historia tem o illustrado archivista sr. Eduardo Freire de Oliveira dado a publico nos seus *Elementos para a Historia do Municipio*; todavia só vimos tres manuscritos illuminados, são elles:

Foral de Lisboa; este foral foi o primeiro que D. Manoel conceleu, quando reformou os foraes, e foi seu redactor Fernam de Pina que, recebeu á custa da camara, trinta cruzados de ouro, quantia importantissima para a época.

O manuscrito começa pelo indice, capitado a azul, e escripto como o proprio foral em bem lançados caracteres em grosso pergaminho; é original e foi assignado por D. Manoel em 7 de agosto de 1500. Este foral é, mais propriamente, uma especie de pauta aduaneira dando uma nova fórma á arrecadação de rendas devidas á corôa.

Todas as paginas são emolduradas, o verso a vermelho e a pagina da frente a violeta claro. No alto da pagina, em que começa o foral, tem uma tarja illuminada com delicadeza e mostra no seu desenho uma correcção agradável.

Livro carmezim. E' assim chamado, n'este archivo um grosso manuscrito com letra semi-gothica em pergaminho até paginas 105 e o restante em papel, formato em folio, encadernado em couro vermelho, e com fechos e prégos de prata.

Contém este livro, 28 capitulos taes como: *do regimento dos tres verdades, de como se dará o caderno das rendas, das despezas ordenadas, do que toca aos almotações, na maneira da mesa da vereação, das contas da cidade, das obras d'ella, das injurias verbaes, etc. etc.*

Passada esta parte, constitue o resto do volume, uma junção, sem ordem, de diplomas e outros documentos já os originaes, já simples registos d'elles. A parte principal do volume é formada pelo *Regimento para os vereadores e officiaes da camara,*

é o original, e, D. Manoel assignou-o em 30 de agosto de 1502.

São duas as illuminuras que adornam o manuscrito, uma no verso da folha nona, occupando toda a pagina e representa as armas da cidade, o desenho é correcto e as côres são vigorosas. A segunda está no verso da folha undecima, é mais grosseira que a antecedente e representa dois anjos sustentando o braço e armas do rei e a esphera armilar mais abaixo.

Regimento *que o Senado da Camara dá para o officio de Luzeiro, anno de MDCCLXVIII.*

Este manuscrito, faz parte de uma collecção de que deve ter existido, uma serie completa de copias, — *Regimentos dos officios mechanicos*, pois que tem illuminada a primeira pagina, letra no texto e chapas de prata na encadernação, perfeitamente eguaes a outras que temos visto em varios archivos.

(Continúa).

ESTEVES PEREIRA.

EL-REI

Romance por D. João da Camara

Ainda em o ultimo numero do OCCIDENTE demos noticia aos nossos leitores do primoroso livro de contos do sr. Teixeira de Queiroz — *Arvoredos* e já outro livro chama hoje a nossa attenção, um outro livro portuguez, de um festejado auctor, que é poeta e dramaturgo, e ora se nos apresenta romancista, tão brilhante e imaginoso, como correto e delicado, que é uma delicia lêr a sua obra, ou vêr desenrolar na scena os seus dramas de uma finura encantadora, povoados de personagens, ora criados na imaginação de um poeta do amor, ora reproduzidos do natural por artista observador e de fino gosto.

E' um romance historico, o segundo de uma serie que a benemerita empresa editora dos srs. Mello de Azevedo e Commandita, vem de publicar, no proposito de levantar a litteratura portugueza, editando romances originaes, e apurar o gosto publico, dando-lhe leitura portugueza, de auctores portuguezes, romantizando a historia patria, e que mais instrue e deleita o povo, que a leitura dos Pouson, dos Montepin ou Gabureau em traducções industriaes que deturpam a lingua e estragam o gosto publico.

O primeiro romance publicado pelo sr. Mello de Azevedo e Commandita foi *Os orphãos de Calcut*, escripto pelo sr. Lopes de Mendonça, de que o OCCIDENTE deu noticia o anno passado e que alcançou grande exito como não podia deixar de ser.

O romance agora publicado tem por titulo: *El-Rei*, e é escripto pelo sr. D. João da Camara, que, como dissemos é um poeta e um dramaturgo festejado pelo publico, e que orn se nos apresenta romancista, com o mesmo vigor de talento já provado nas suas poesias e nos seus dramas.

El-Rei é um romance cuja acção se passa no seculo XVI logo depois do grande desastre de Alcaicer Kibir. O interesse da narrativa e do enredo prendem o leitor de principio a fim, e muito nos diz dos costumes do tempo, dando o auctor largas á imaginação e mostrando quanto é poeta na criação dos typos ou personagens do seu romance.

E' um livro que todos podem lêr, e para isso bastaria o saber-se que era escripto pelo sr. D. João da Camara. Nem de todos os romances se pôde dizer hoje o mesmo.

Ha no romance *El-Rei*, principalmente um typo que decerto prende o leitor mais indifferente. E' o Bazaruco,

Não queremos revelar o enredo do romance para não perder o interesse da leitura de quem o quizer lêr, e assim apenas reproduzimos um trecho de capitulo em que figura Bazaruco e isso será bastante para dar idéa da obra.

As illustrações do sr. Villaça são gravadas pelo sr. D. Netto e d'ellas publicamos uma, como espezimen.

Felicitemos a empresa editora pelo segundo romance da sua bibliotheca não portugueza e que prosiga a sua obra de regeneração da litteratura nacional

Eis o exerpto:

O BAZARUCO

Quando a patrulha acudiu aos gritos de soccorro que o judeu reconhecido por Martim Corrêa soltava antes da caçada que o emmudeceu, já

o estudante deveria ir correndo pelas ruas de Alfama, direito á estalagem da Marianna a Santa, como lhe fôra indicado pelo homem da farta cabelleira ruiva.

Só elle, o primeiro que sahira da taberna, poderia informar o official da ronda.

—Era um homem alto; mas a escuridão mal m'o deixou ver. Grandes barbas. A côr não sei. Fugiu para ali, quando me viu. Medo provavelmente.

E apontava para os lados da Ribeira, exactamente o ponto contrario áquelle para que o estudante se dirigira.

Ayres Gomes continuava estendido no chão. Da brecha profunda corria lhe um fio de sangue que lhe vinha tingir de vermelho as barbas grisalhas e a ponta do nariz mergulhada no bigode como bico de passaro n'um comedouro.

Formára-se grupo em torno do ferido e todos commentavam o conflicto.

O taberneiro, com natural repugnancia, enchia as bochechas com agua que tomava d'uma puca-rinha, e burrifava a cara do judeu.

—Diabos o levem, dizia já cançado, temendo talvez que o judeu morresse e achando de molde um principio de necrologio.

—Borrifa-o com vinho; talvez se dê melhor, disse o ruivo.

Os outros riram. O official da ronda continuava pedindo informações, que ninguem lhe sabia dar.

—Já disse a V. Mercê e mais não sei. Tinha barbas e fugiu para ali, quando lhe deu o medo ao ver-me. Dois goles de vinho e passa tudo.

O taberneiro, enjoado d'agua e cançado dos borrifos, disse então:

—Ajuda-me aqui a levantar-o, ó Bazaruco.

O homem ruivo aproximou-se; acorrou-se atraz do ferido e metteu-lhe as mãos sob o manto mais remendado que capa de pedinte. Uma alegria repentina illuminou-lhe o rosto, um riso alegre, mas silencioso, escancarou-lhe a bocca. Remexia as mãos sob a capa, como não atinando com o geito de levantar o pezo d'aquelle corpo desfallecido.

—Vá!... Ajuda! disse o taberneiro.

O Bazaruco metteu os braços sob os sovacos do judeu e disse:

—Vá!

A cabeça de Ayres Gomes cahiu-lhe sem forças sobre o hombro.

—Raios o partam! commentou o taberneiro, aproximando a lanterna do rosto do ferido e vendo que este continuava com os olhos fechados.

—Bom lanho! disse um dos do grupo olhando a brecha.

—Mas feito d'alto a baixo. Estes senhores não querem aprender, disse o Bazaruco com ar entendido. Se lhe dá trez dedos mais ao lado e trez dedos mais baixo e de baixo para o alto, já hoje poderia dormir descansado que este marrano não diria nada. Ora até que emfim abriu os olhos. Adeus. Borrifa-o com vinho.

E, mettendo as mãos no cinturão, foi-se por ali acima devagarinho, ensoando de improviso n'uma cantiga desafinada os versos do raposo no auto das Fadas:

D'este se devem guardar,
Que se finge manco e torto,
E ás vezes se faz morto,
Por caçar.

Logo, porém, que dobrou a esquina, parou o canto, e, apressando o passo, metteu-se pelas vielas de Alfama direito a S. Vicente, monologando baixo e soprando de canção pela subida.

—D'alto a baixo! Não aprendem. E amanhã estás servido, Gonçalinho. Ah! não fôra a Providencia!... Trez bazarucos valem dois reis e, porque eu não valia nada, me chamaram Bazaruco. Eu lhes direi quanto vale um bazaruco. Minha sina, triste sina, até que vou ver te mudada!

E, sempre com musica improvisada, poz-se outra vez a cantarolar:

Eu, senhor, vos digo eu
Que vou sempre por espinhos.
Se o bem tem mil caminhos,
Sempre acerto o que não é meu,
E vou cahir de focinhos.

Inda a chuva está no ar,
Quando eu cá escorrego.

E entre as grandes casarias, tão silenciosas que até ellas pareciam estar dormindo, o Bazaruco, a caminhar rapido, continuou o seu monologo, alegremente:

—Pois sim; mas isso era d'antes. Bazaruco, Bazarquinho, tua sorte emfim mudou. Vais espan-tar as tabernas de Alfama e as da rua da Ferraria. Tens um anno de vinho! A não ser que...

E parou como se idéa terrivel lhe tivesse de repente acudido ao espirito.

—Gonçalinho, Gonçalinho, nunca has de ter juizo. Se lhe das mais abaixo, o marrano estava agora com Belzebú conversando, e era um socego para todos; até para o diabo já farto de esperar.

Mas logo, criando coragem:

—Adeus, adeus! Passaremos oito dias conversando com o vinho da Arruda que lá tem a Marianna a Santa. Corre como um velludo e, enquanto corre, veremos o que se passa...

E, como estivesse em frente da porta da estalagem, bateu duas pauladas vibrantes que eccoaram na vasta cozinha abobadada.

Uns passos arrastados vieram do fundo approximando-se.

—Bazaruco. Abre.

E a Marianna a Santa abriu a porta.

A cosinha vastissima era quasi deserta áquelle hora. Raros freguezes se encostavam ás grandes mesas de pinho, dispostas ao longo da casa, como nos refeitórios dos conventos. Suspensa d'um comprido gancho de ferro sobre cada mesa occupada esmorecia tristemente uma candeia mortíca. A lareira era ao fundo, a um canto. Do outro lado, a uma mesa mais pequena estava encostado o estudante, quasi na sombra, apenas illuminado de esguelha por uns toques de luz no perfil, quando algum clarão mais vivo se reflectia na bateria de cobre areada luvuosamente e disposta como troféos na cantareira caiada.

Um cheiro bom de refogado e loiro fez estremecer de goso, logo desde a porta, as ventas gulosas do Bazaruco; mas, dando com os olhos em quem buscava, dirigiu-se ao fundo da cosinha e tocou ligeiramente no hombro do amigo, que de olhar fixo nos clarões que passeavam pelos ladrilhos, com o rosto entre as mãos, absorto n'um pensamento unico, nem déra pela entrada do novo freguez.

—Então? perguntou, como acordando.

—Vivo! respondeu o Bazaruco, encolhendo os hombros.

—Tanto melhor. Não quiz matar-o; mas só tomar vingança do muito que soffri: vinguei-me, estou satisfeito.

—Andou bem V. Mercê. Olhe que fez uma cavallaria digna de ser cantada pelo Chiado em farça a fazer rebentar de riso toda essa gente de Alfama. E amanhã o Ayres Gomes amarra um linho á cabeça, vai ter com o Cardeal-Raj,—oiça bem: *Rei*—e V. Mercê, sr. Gonçalo Vaz, licenciado futuro se um dia houver juizo, vai aprender a haver-o em alguns mezes de carcere.

—Que me importa? Em carcere vive a minh'alma. Peior que os ferros d'El-Rei...

—Hum! Hum!

E o Bazaruco tossiu ironicamente.

—Outra moira encantada surgiu esta manhã aos olhos apaixonados do sr. Gonçalo Vaz, cavalleiro andante nas florestas do amor!

Gonçalo ficou silencioso retomando a posição em que o Bazaruco o encontrára. A Marianna acorçada adeante do lume soprou com força. A lenha crepitou e um vivo clarão reflectiu-se nas casarolas espelhadas, enchendo as mesas de grandes borboletas luminosas e fantasticas, que voavam pelas paredes. Desappareciam, apagavam-se nas trevas profundas da abobada.

N'uma banca perto da porta, um lavrador do Alemtejo adormecera ante o prato sujo e o cangirão vazio, assentando sobre o peito o queixo papudo. N'outra mais proxima trez cavalleiros farropuilhas, avelhentados, de grossos narizes vermelhos, discutiam com punhadas sobre a meza os ultimos successos d'Africa.

—O peixe! berrou um d'elles.

A Marianna a Santa, esfogueada, com as madeixas grisalhas pendentes sobre o refogado, respondeu com uma praga.

—Já ceou? perguntou o Bazaruco.

Gonçalo abanou a cabeça.

—Tenho a bolsa vasta e muito cheio o coração.

—Não o entorne, disse o Bazaruco a rir. Já sei que temos pratica d'amores, sermão de lagrimas. Não come nem eu como; ora hoje... tenho fome.

—A sede já a mataste que t'o conheço nos olhos e no halito.

—Máu vinho. Não vale o da Arruda cá da nossa Santinha. E a sede é só do bom.

—Como fazes que todas as noites te embriagas? Ha oito dias pelo menos que não tens dinheiro.

—Perdão, sr. Gonçalo; ha oito dias tinha dez réis, e, como escudeiro de estudante,—triste vida!—tive que poular-os até hoje.

—Como?

—Segredos! Misterios! Mas eu lh'os conto, que podem servir-lhe um dia. Muito cavalleiro que se

¹ Na camara municipal ha a collecção dos regimentos dos officios mechanicos reformados, em 1572, por Duarte Nunes de Leão.



O BAZARUCO NA ESTALAGEM DA MARIANNA A SANTA

SPECIMEN DAS GRAVURAS DO ROMANCE *EL-REI*

embebeda pelas tabernas d'Alfama sabe as regras do bem viver. Não é preciso ter nascido, como eu na casa fidalga do sr. João Vaz, seu tio, nem ser escudeiro faminto do muito nobre sr. Gonçalo Vaz, que por não trazer a espada ao lado deixa vivo na refrega o porco immundo que lhe roubou o morgado.

—Deixa de falar em polas e conta, se queres.

—Ora, ha oito dias, comprei dez réis de pevides. Fiz trez madrigaes á preta e ella vendeu-me oito medidas tão cheias, que nem sabia onde mettel-as. Sabe V. Mercê, melhor do que eu, quanto as mulheres são sensiveis á poesia.

E voltando-se para o lado:

—Marianninha, olhos de perlas finas, minha menina dos meus olhos, traze de tudo, pão, azeitonas, peixe e muito vinho.

A Marianna rosnou duas pragas. O Bazaruco ergueu-se cheio de dignidade.

—Deixa-a, disse Gonçalo aborrecido. Estou farto de comer á custa dos teus amores. Ha mais de quinze dias que não lhe pagamos, e não é repetindo endeixas, que roubas a quanta farça ouviste, que ella compra vinho e pão.

O Bazaruco tornou a sentar-se. Poz o chapéo sobre a meza e, passando as mãos pela vasta cabelleira, continuou:

—Fui visitando as tabernas, e creia V. Mercê que não ha ramo de loiro na Alfama, Ribeira, Ferraria, rua de S. Gião e dos Fornos ou travessa do Mata-porcós, que não conheça de vista e de fama o valente Bazaruco. Valente e cavalleiro. Eu sei das graças e ademanes para metter a mão no bolso e tirar com delicadeza tres pevides que se offercem a um cavalleiro rico.—«Desculpe V. Mercê, sr. cavalleiro» A's vezes tão fidalgas eram as minhas maneiras, que me tornavam o V. Mercê e alguns até a *Senhoria*.—«Se alguma coisa acha na meza de seu gosto lance V. Mercê mão d'ella.» E eu lançava mão do vinho... por delicadeza.

Gonçalo riu-se, e logo encolhendo os hombros:

—Adeus. Vou deitar-me, disse pondo-se de pé.

—E a ceia?

—Como havemos de pagal-a?

—Se V. Mercê houvesse hoje trazido sua espada cearia mais descansado, juro-lh'o eu.

—A minha espada! Não me deixaram pol-a ao serviço d'El-Rei, trahiram-me...!

—Olha o grande sentimento! Que lucrava em estar morto agora, sepultado aos bocadinhos nos ventres dos corvos e dos cães? Melhor prazer encontrará decerto nos manjares delicados da Marianna a Santa. Sente-se V. Mercê que não se vive de amar, amar, amar sempre.

E erguendo a voz outra vez:

—Marianna, Marianninha, que não attendes ao teu amor!

E batendo no cinturão fez tinir o oiro d'uma bolsa.

A taberneira arrebitou a orelha, arreganhou a bocca, e, com um sorriso amavel ostentou o unico dente, muitó comprido, amarello, com pontos negros.

Gonçalo tornou a erguer-se.

—Como tens esse dinheiro?

—Schiu!... disse o Bazaruco olhando desconfiado

Mas o lavrador dormia a somno solto e decerto que os seus roncós eccoariam nas abobadas se a calorosa discussão dos outros e as punhadas sobre a meza não abafassem qualquer ruido.

—Cem annos de perdão. Pertence lhe este dinheiro.

—Não te percebe. Foi meu tio...?

O Bazaruco poz a mão sob a meza, occultando-a das vistas perigosas dos maltrapilhos. A bolsa abarrotava d'ouro.

—Olhe, disse elle. Entrou em bom caminho este oiro que tão máu o levava. Pertence lhe. Juro.

Marianna a Santa veiu estender a toalha de linho, a melhor e mais limpa, sobre a mesa, á qual os dois conversavam.

—O caçgirão maior! berrou o Bazaruco.

—Explica-te, disse Gonçalo.

—O judeu nada sentia. Ajudei a levantar-o. Percebi-lhe o inchaço no gibão. Tirou-lhe elle bastante para que aceite agora V. Mercê esta restituição da mão da Providencia.

—Roubaste-o! disse Gonçalo. E pensas talvez que...

—Como queira, disse o Bazaruco friamente, guardando o dinheiro no cinturão. Por bem fazer, mal haver. Marianninha, volve a mim teus olhos d'anjo.

E pondo o chapéo, com ademanes de cavalleiro, traçando a capa, foi-se intrometter na conversação sobre a guerra, falando da India, repuxando os bigodes, contando façanhas e já quasi a fazer em estilhas o pinho da meza com soccos enormes que emmudeceram os outros, quando a Marianna com a voz fanhosa, muito amavel, lhe berrou de longe:

—Sr. Bazaruco, a caldeirada.

O Bazaruco repuxou as guias do bigode, carregou o chapéo para a testa, traçou novamente a capa e rematou, como ponto final indiscutivel:

—Foi assim mesmo.

Gonçalo, que não comia havia vinte e quatro horas, com o cheiro apetitoso da caldeirada sentiu crescer lhe agua na bocca.

—Dinheiro roubado! Dinheiro roubado! disse ao Bazaruco, que se sentara do outro lado da meza e já mettia no tacho a grande colher de páo. E pensavas tu que eu acceptaria...

—Sirva-se V. Mercê, sr. Gonçalo Vaz. Ovelha que bala, bocado perde. Seu tio, o sr. João Vaz, entregou-me V. Mercê á minha guarda de velho escudeiro fiel e honrado, e quero dar conta do meu recado. Coma V. Mercê que o vejo andar murchando como roseira no outomno.

Gonçalo começou a comer com repugnancia. Havia quinze dias que se lhe acabára o dinheiro que o tio lhe mandara com mil protestos de ser o ultimo, e, não tosem os amores do Bazaruco com a velha Marianna, teria quinze vezes morrido á fome. Mas a Marianna fartara-se de madrigaes e o Bazaruco não se fartava de comer. O espectro negro erguia-se medonho e não fosse um roubo...

—Cem annos de perdão, dizia o Bazaruco adivinhand o pensamento de Gonçalo.

As caldeiradas da Marianna eram afamadas na cidade, Gonçalo tinha vinte e quatro annos, e havia muita hora que não comia.

—Uma boa golada, vá, meu senhor.

Gonçalo convencido bebeu e devorou.

A Marianna a Santa perdera completamente o ar rabujento. Com os punhos sobre a meza contemplava-os desvanecida. Bazaruco mastigando mansamente, inchando as bochechas, approvava com a cabeça, n'um gesto de entendido; o apuro da caldeirada.

JOÃO DA CAMARA

Retrato de Pinheiro Chagas

Para attender a varios pedidos que tivemos, mandámos fazer uma tiragem em separado do retrato grande de Pinheiro Chagas que publicámos em o n.º 587, achando-se á venda nas livrarias e no nosso escriptorio.

Preço 100 réis, franco de porte de correio.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.